

# CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME LII • 2013

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANDRÉ TOMÁS SANTOS

*Fundação Côa Parque. Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta – CEPBA*  
a.t.santos@sapo.pt

DOMINGOS J. CRUZ

*Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes. Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta – CEPBA*  
domingos.cruz@fl.uc.pt

MONUMENTOS MEGALÍTICOS COM PINTURAS  
E GRAVURAS DA ÁREA OCIDENTAL DA SERRA  
DO MONTEMURO: OS DÓLMENS DO LAMEIRO  
DOS PASTORES E DO CHÃO DO BRINCO (CINFÃES, VISEU)

MEGALITHIC MONUMENTS WITH PAINTS AND ENGRAVINGS  
OF THE OCCIDENTAL AREA OF MONTEMURO MOUNTAIN:  
DOLMENS OF LAMEIRO DOS PASTORES AND CHÃO DO BRINCO  
(COUNTY OF CINFÃES, VISEU)

“Conimbriga” LII (2013) p. 5-35

RESUMO: Pretende-se neste texto dar a conhecer os esteios decorados dos dólmenes 1 do Lameiro dos Pastores e 1 de Chão do Brinco. Os monumentos integram duas necrópoles situadas na serra de Montemuro, a menos de 1 km de distância uma da outra. Ambos os monumentos datarão dos inícios do IV milénio a. C. Os grafismos de alguns dos seus esteios integram-se perfeitamente no repertório característico dos dólmenes do Noroeste da Península Ibérica.

PALAVRAS-CHAVE: Monumentos megalíticos; Arte megalítica; IV milénio a. C.; Serra do Montemuro; Beira Alta.

ABSTRACT: We publish in this text the decorated slab of the dolmen 1 of Lameiro dos Pastores and the decorated ones of the dolmen 1 of

*Conimbriga*, 52 (2013) 5-35

Chão do Brinco. Both monuments are part of two necropolis located in the Montemuro mountain; these necropolis are less than 1 km apart from each other; both the monuments are dated from the beginnings of the IV millennium cal BC. The decoration of both monuments is perfectly integrated in the characteristic graphic repertoire of the Iberian Northwest.

**KEY WORDS:** Megalithic monuments; Megalithic art; IV millennium BC; Montemuro mountain; Beira Alta.

# MONUMENTOS MEGALÍTICOS COM PINTURAS E GRAVURAS DA ÁREA OCIDENTAL DA SERRA DO MONTEMURO: OS DÓLMENS DO LAMEIRO DOS PASTORES E DO CHÃO DO BRINCO (CINFÃES, VISEU)

## 0. Introdução

Os monumentos que aqui se referem integram duas necrópoles localizadas na serra do Montemuro e que se encontram muito perto uma da outra. Uma delas – a necrópole do Lameiro dos Pastores – é constituída por três monumentos megalíticos, dois de cronologia posterior ao Neolítico, e um quinto, um montículo muito baixo, associado a um menir; os três primeiros são já referidos no *Roteiro Arqueológico de Cinfães* (PINHO, LIMA & CORREIA, 1999), texto onde aparecem igualmente vagas referências ao esteio pintado do dólmen 1; uma outra curta referência às pinturas deste dólmen pode ser encontrada em texto de Eduardo Jorge Lopes da Silva, publicado no volume II dos *Estudos Pré-históricos* (1994, 167). Os restantes monumentos da necrópole foram já identificados durante os nossos trabalhos de prospecção na serra do Montemuro (2004-2011); dois destes corresponderão a *cairns* com estruturas cistóides no interior – “cistas grandes” –, podendo o remanescente ter servido de base de sustentação a um menir, que se encontra tombado a cerca de 1 m de distância, solução construtiva (e arquitetural) comum a outros monumentos deste tipo identificados na região.

A necrópole de Chão do Brinco localiza-se a cerca de 1 km para nor-noroeste da anterior; é constituída por quatro monumentos: três destes são de cronologia neolítica, sendo o quarto, pelas suas dimensões e características construtivas, de cronologia mais tardia (*tumulus* em pedra muito baixo construído no rebordo do lameiro). Quer o monumento 1, quer o monumento 2, foram escavados por E. J. L. da Silva (1993; 1994; 1995; 2003). Destas escavações pouco se sabe, sendo então incerta – quando da realização dos nossos trabalhos – a sua publicação

em tempo próximo, razão pela qual procedemos ao levantamento dos esteios historiados do monumento 1. Os dados publicados permitem-nos saber que o monumento 2 pouco espólio forneceu, situação que contrasta com a do dólmen 1 (micrólitos, cerâmica – designadamente campaniforme –, contas de colar, uma peça em ouro, cinco lajes gravadas, das quais se conhece uma “estela” e uma outra, de menores dimensões, com um antropomorfo esquemático gravado). Este espólio espelhará o momento do uso inicial do megalito e o da sua posterior reutilização, já nos finais do III milénio a. C.

## 1. Metodologia

Os trabalhos que aqui se apresentam foram realizados no âmbito do projecto do Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta intitulado “Serra do Montemuro: ocupação humana e evolução paleoambiental durante o Holocénico”, integrado no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos e financiado pelo antigo IPA. Dos trabalhos de prospecção e cartografia arqueológica resultou não só o aumento exponencial de jazidas arqueológicas pré-históricas (e outras, de períodos posteriores) conhecidas na região, como também o registo gráfico e fotográfico de uma quantidade apreciável de *tumuli* (entre os quais as plantas dos monumentos que aqui nos importam), assim como a execução dos decalques dos esteios historiados que é motivo desta nótula.

As plantas foram realizadas sobre papel milimétrico, à escala de 1:20, após a implantação no terreno de uma linha paralela ao eixo maior de orientação do monumento; os decalques foram executados sobre plástico de cristal transparente aplicado directamente sobre os esteios historiados; os esteios gravados foram decalcados durante a noite, tendo-se recorrido a iluminação artificial para melhor visualização dos sulcos gravados; como é sabido, a luz deve incidir sobre os traços gravados de forma rasante e numa orientação perpendicular ao desenvolvimento daqueles; a luz sobre os esteios pintados foi variando ao longo do trabalho; de forma a ressaltar um pouco mais a pintura, os esteios foram ligeiramente humidificados.

Temos noção de que a execução de decalques directos não está isenta de polémica, sobretudo no que toca a painéis pintados (v.g. BUENO *et alii*, 2012, 125-126). Contudo, os monumentos sobre os quais nos debruçamos estão em péssimas condições de conservação, encontran-

do-se os esteios historiados sem qualquer protecção, pelo que se optou pela execução de um registo o mais exaustivo possível, o que passou evidentemente pelo decalque directo, método que ainda assim, consideramos como o mais fiável, pelo menos no caso da gravura. De facto, não se prevê para breve – sobretudo tendo em conta a actual situação da tutela, que prima pela precariedade e pela gradual diminuição de meios – a existência de condições que permitam trabalhos de conservação e salvaguarda em qualquer um destes dólmens. A opção do decalque directo deve, portanto, ser lida num contexto em que se pretende salvar pelo registo estes tão pertinentes, quanto ameaçados, grafismos pré-históricos.

Quer as plantas, quer os decalques, foram posteriormente vectorizados em programa informático adequado para o efeito.

O registo fotográfico seguiu os mesmos critérios de iluminação utilizados para os decalques. Quando tirámos estas fotografias não era nosso objectivo trabalhá-las de forma aprofundada com qualquer programa de imagem. No entanto, quando tomámos conhecimento do *plug-in* D-strecht para o programa Imagej pensámos ser uma mais-valia a utilização do mesmo para melhorar a visualização dos grafismos, algo que pensamos ter sido largamente conseguido. De qualquer forma, será de ter em conta que o objectivo principal da nossa campanha fotográfica foi o de complementar as informações recolhidas durante o decalque directo dos esteios e nunca o de utilizar a fotografia como base desse mesmo decalque. Não queremos, no entanto, deixar também de referir que já está mais que demonstrada a precisão dos decalques de painéis com pinturas que têm como base a fotografia e a sua manipulação com o *plug-in* Dstrecht (LE QUELLEC *et alii*, 2013).

## 2. Caracterização geomorfológica

Ambos os grupos tumulares se encontram, como se disse, na serra de Montemuro; este maciço é delimitado a norte pelo Douro, a sudoeste pelo Paiva, e a sudeste, por “uma linha quási recta tirada de Castro Daire por Lamego em direcção à Régua” (GIRÃO, 1940, 13); trata-se de “um bloco tectónico levantado em relação ao planalto da Nave e balançado para noroeste, em direcção ao vale do Douro” (FERREIRA, 2004, 104); se antes utilizámos o termo maciço foi porque, como Amorim Girão, consideramos este termo mais adequado para descrever a realidade

em que nos encontramos (GIRÃO, 1940, 31); como refere este autor, localmente o topónimo Montemuro “refere-se apenas às alturas que vão do *Perneval* (1278 m) pela *Lameira* (1132 m), *Portas* (1214 m) e *Talegre* (1382 m) até à *Cruz do Roçã* (1173 m)” (GIRÃO, 1940, 31). Daqui, para nordeste, ocorre uma série de elevações, e para noroeste, uma “linha de alturas de que se destacam os montes de *S. Pedro* (1139 m), *Campo do Bispo* (1186 m), da *Pedra Posta* (1210 m), cujo cimo é um extenso terraço plano, e da *Gia* ou do *Castelo* (1026 m)” (GIRÃO, 1940, 31). Ambas as linhas de alturas estão separadas pelo vale de fractura do rio Bestança (FERREIRA, 1978, 246). As necrópoles de que vamos tratar encontram-se na linha de alturas para oeste do Bestança (FIG. 1); ocorrem a altitudes em torno dos 1000 m, localizando-se portanto sobre os únicos “retalhos aplanados, bem individualizados” para ocidente daquele rio (FERREIRA, 1978, 246). Na verdade, como refere este autor, abaixo desta cota as rechãs até aos 850 m poderão corresponder a vestígios muito degradados da superfície fundamental, e as que se encontram mais baixas ainda, ao encaixe do Douro (FERREIRA, 1978, 246). Na origem desta má conservação dos níveis de aplanamento deve estar a “densa fracturação do granito”, destacando-se aqui a do vale do Bestança, mas também, e sobretudo, as “de direcção NNE-SSW, paralelas ao acidente tardi-hercínico” (FERREIRA, 1978). Embora muito perto uns dos outros, do ponto de vista da Geologia, os monumentos do Lameiro dos Pastores encontram-se em granitos porfiróides de grão médio, enquanto a necrópole de Chão de Brinco se localiza numa zona de granitos não porfiróides de grão médio (TEIXEIRA, MEDEIROS E FERNANDES, 1969, p. 27). Diga-se de passagem que tal distinção se reflecte também na natureza dos esteios de cada um dos monumentos estudados.

O Lameiro dos Pastores corresponde a um colo ligeiramente inclinado para nordeste (FIG. 2). Os dois monumentos cistóides encontram-se no sector leste, enquanto que os três *tumuli* megalíticos (separados daqueles pelo caminho carreteiro que atravessa o colo e vertente de acesso à planura do Chão do Brinco), se agrupam a oeste, ao longo de um alinhamento SSE-NNO; o dólmen 1 localiza-se no extremo NNO deste alinhamento, na periferia oeste do colo do Lameiro dos Pastores; trata-se de posição dominante, em portela, que faz a ligação entre este colo e o de Chão de Brinco; os dois dólmens restantes foram construídos em superfície de vertente suave; o menir localiza-se na periferia oposta à do Lameiro dos Pastores, sensivelmente para leste do grupo dos três *tumuli* neolíticos. Administrativamente, este grupo de monu-

mentos pertence à freguesia de Nespereira, concelho de Cinfães, distrito de Viseu. O dólmen 1 encontra-se cartografado na folha 136 da “Carta Militar de Portugal, na escala 1/25.000”, 3.<sup>a</sup> edição (1998) nas coordenadas geográficas: 41° 01’ 19” N; 08° 06’ 47” W, a 1032 m de altitude.

Já a necrópole de Chão do Brinco localiza-se, como se disse, a 1 km para NNO da anterior; os três monumentos neolíticos foram construídos em área relativamente aplanada de um colo entre dois lameiros; o monumento mais tardio localiza-se já no rebordo noroeste do lameiro que, desde o colo onde se situam os monumentos neolíticos, se desenvolve para nordeste; o monumento 1 localiza-se na periferia oeste deste mesmo colo, em posição destacada e “debruçado” sobre o lameiro referido atrás (trata-se de pequeno esporão sobranceiro à depressão); este lameiro “enche” os olhos de quem sai do corredor do monumento, enquadrando um horizonte amplo onde, à esquerda, se encontra a serra da Aboboreira, e, à direita, a do Marão (Est. I); do ponto de vista administrativo integra-se na freguesia de S. Cristóvão de Nogueira, também do concelho de Cinfães. Encontra-se cartografado na mesma folha da “Carta Militar de Portugal, na escala 1/25.000” nas coordenadas 41° 01’ 43” N; 08° 07’ 02” W, altitude de 994 m.

Destacamos em ambos os grupos de *tumuli*, por fim, a relação imediata, para além dos excepcionais e distantes horizontes (sobretudo nos três monumentos dolménicos de Chão do Brinco), com os extensos e bem conservados prados naturais, alimentados pelas múltiplas pequenas linhas de água que convergem para ambas as depressões, fazendo jus à designação popular de “lameiros” – situação que não é inusitada no megalitismo –, e frequência posterior destes espaços planálticos da região.

### 3. O contexto arqueológico

Como é observável a partir da figura 1, os monumentos que constituem estes dois grupos de *tumuli* não se encontram isolados; neste sector da serra devemos fazer referência a um conjunto de outros sítios que, pelas suas características, datarão do Neolítico. Desde logo, devemos referir os três monumentos que constituem a necrópole de Alfranceira: um destes – o n.º 3 – encontra-se a meio do lameiro que se desenvolve para nordeste do Chão do Brinco, enquanto que os dois



restantes se localizam num colo que dá acesso a este mesmo lameiro, desde noroeste (estes aspectos são particularmente evidentes na figura 2); refira-se que o *tumulus* n.º 3 se distinguiria perfeitamente desde a entrada do corredor do monumento 1 de Chão do Brinco (EST. I).

Para sudeste, não longe de um dos pontos mais elevados desta zona do “maciço” do Montemuro – o topo de S. Pedro – encontram-se outros dois monumentos megalíticos: números 2 e 3 da necrópole epónima (SILVA E CUNHA, 1994; PINHO, 1998, 47; PINHO *et alii*, 1999, 7; SILVA, 2004, 163). Desde este ponto até ao Paiva, e ao longo da linha de festo do interflúvio ribeira da Noninha (a noroeste) e ribeiro do Tenente (a sudeste) localiza-se ainda o menir do Marco da Jugada (de cronologia, talvez neolítica, incerta) (SILVA, 1995; 1997; PINHO, 1998, 47; PINHO *et alii*, 1999, 6; SILVA, 2004, 162), a mamoa de Vale d’Asno (SILVA, 2004, 157), a necrópole de Córregos, constituída por três *tumuli* (TEIXEIRA, MEDEIROS E FERNANDES, 1969: 65; SILVA, 1999; SILVA, 2004, 151-152), a mamoa de Chão da Cruz (SILVA, 2004, 163) e a mamoa de Chã da Corujeira (SILVA, 2004, 167) (FIG. 1).

Para nordeste das necrópoles de Lameiro dos Pastores e Chão do Brinco encontramos ainda o monumento 1 do Alto da Coruja, localizado já no relevo “Castro Daire”, a tombar para o Douro (FIG. 1).

Para além destes monumentos foram relocados ou identificados outros vestígios pré-históricos, tais como *tumuli* de menores dimensões e cronologias mais tardias, um fragmento de menir (Pedra Posta), ou importantes sítios de arte rupestre, como seja a estação do Outeiro d’Asna, cuja publicação se prepara.

#### 4. O dólmen 1 do Lameiro dos Pastores

Trata-se do mais monumental dos dólmenes desta necrópole, monumentalidade essa que lhe é conferida pela localização, pela volumetria do *tumulus* e pela arquitectura (EST. II. 1).

Relativamente ao primeiro aspecto diga-se que de qualquer monumento da necrópole ele se avista e reconhece perfeitamente, sendo, por outro lado, o único que se observa desde Chão do Brinco; de todos os monumentos das duas necrópoles este é também o único que permite a visualização de todos os monumentos (pelo menos os neolíticos) que compõem ambas.

Construtivamente, corresponde a dólmen de corredor (profunda-

mente alterado), mas perfeitamente diferenciado da câmara, em altura e em planta (FIG. 3); apresenta uma câmara de planta poligonal da qual restam o esteio de cabeceira, dois esteios do lado sul e outros tantos do lado norte, todos fragmentados, admitindo-se, face à estreiteza do esteio de cabeceira (embora reduzido ao fragmento basal), que originalmente pudesse corresponder a câmara com nove esteios; do corredor – orientado para ESE – observam-se três esteios a sul e dois a norte; todos os esteios são de granito porfiróide de grão médio, destacando-se o primeiro da câmara do lado sul (o decorado) pelas dimensões dos cristais de feldspato aí existentes. O monumento é envolvido por um *tumulus* subcircular com 25 m no sentido N-S e 23 m no sentido E-O; actualmente apresenta uma altura de 1,5 m; à superfície são observáveis inúmeros elementos pétreos (sobretudo granito, mas também quartzo) de pequeno e médio porte que deverão corresponder a vestígios da couraça superficial. Sobre o *tumulus*, e integrando a câmara, construiu-se, já em tempos históricos um muro em pedra vã. Dadas as características arquitectónicas do dólmen – câmara de planta poligonal e corredor de extensão média diferenciado daquela –, e tendo em conta as datações de radiocarbono de outros dólmenes da Beira Alta e do Noroeste peninsular (Cruz, 1995; 1998; 2001), como também de outras áreas da Península Ibérica (Galiza, Meseta, etc.), podemos situar a cronologia da sua construção e utilização primária nos inícios do IV milénio a. C. (1.º terço do IV milénio a. C.).

Apenas no primeiro esteio do lado sul da câmara foram identificadas pinturas de cor vermelho-alaranjado (FIG. 4; Est. II. 2); como ocorre com os esteios restantes, também este está fracturado, pelo que seguramente só contamos com o terço inferior da composição original (admitindo que, como é habitual, ela se prolongasse pela área desaparecida do esteio). Por outro lado, a superfície interior deste esteio está muito alterada, em particular o seu lado direito, facto que dificulta em muito a leitura das figurações aí presentes. Toda a metade esquerda do esteio é dominada pela presença de oito serpentiformes verticais, parecendo que o sexto e sétimo se unem no topo; por outro lado, o primeiro desenvolve-se também para lá da superfície (isto é, para o lado/rebordo do esteio); à extremidade inferior do último parece adossar-se um círculo. Para a direita dos serpentiformes observa-se em cima, à esquerda, o que parece corresponder à metade superior de um antropomorfo, com cabeça circular, braço direito recto e tronco rectangular; em baixo encontra-se um motivo em losango de cujos vértices saem uns apêndi-

ces; mais para a direita surge uma figura construída em torno de uma forma rectangular preenchida interiormente; esta forma é encimada por traço em cima do qual se pintaram dois círculos justapostos; abaixo do traço reconhecem-se dois apêndices subquadrangulares, e em baixo, à esquerda, um outro linear, disposto na horizontal.

## 5. O dólmen 1 de Chão do Brinco

Este dólmen destaca-se também pela sua monumentalidade, monumentalidade essa definida pelos mesmos critérios que utilizámos para o monumento anteriormente referido: volumetria, localização e arquitectura. Relativamente ao segundo aspecto, trata-se do único monumento a partir do qual se observa pelo menos um dos monumentos da necrópole de Alfranceira (o monumento 3, situado sensivelmente ao centro do lameiro localizado para nordeste do colo onde se implanta a necrópole); por outro lado, a sua localização no rebordo do colo, sobre pequeno esporão, torna-o o único avistável desde o dólmen 1 do Lameiro dos Pastores. A sua localização é responsável também, como já referimos, pela espectacular vista que se tem desde a entrada do corredor e que alcança as serras da Aboboreira e do Marão, já localizadas na outra margem do Douro (EST. I).

Relativamente à arquitectura, a estrutura ortostática é envolvida por um *tumulus* de planta subcircular – 25 m (E-O) e 23 m (N-S) – e cerca de 1,30 m de altura; este é coberto por lajes e blocos de granito, jazendo sobre ele quatro fragmentos de esteios, bem como um fragmento de pilar e a laje de cobertura, de contorno sub-rectangular. O dólmen (FIG. 5) é constituído por uma câmara de planta poligonal alongada, provavelmente formada originalmente por nove esteios, de que se conservaram apenas três; a laje de cabeceira é estreita, pelo que, como em muito outros monumentos da Beira Alta, foram-lhe adossados dois esteios em forma de pilar; o corredor é constituído por esteios estreitos e altos (mas baixos relativamente aos esteios da câmara), de que se conservaram três no lado sul, e quatro no lado norte, bem como um pilar, que separa a câmara do corredor de acesso (parece haver uma certa indiferenciação da câmara relativamente ao corredor/ “antecâmara”, pelo menos em planta, que não em altura, mas este elemento – pilar – estabelece bem essa separação de espaços); estes esteios correspondem a granitos não porfiróides de grão médio; a entrada do corredor é

obstruída por lajes pouco espessas, que se sobrepõem à laje de fecho deste espaço, uma laje subtrapezoidal, igualmente pouco espessa; o átrio (ou qualquer outra estrutura que estabelecesse a ligação ao corredor/ “antecâmara”, foi muito parcialmente escavado, observando-se algumas lajes fincadas e elementos pétreos que o definiriam, pelo que não é possível adiantar muito relativamente ao acesso ao dólmen, que seria, talvez, tecnicamente complexo, face ao plano inclinado que aqui se acentua (o monumento foi parcialmente construído sobre o rebordo da plataforma, sobranceiro à linha de água mais imediata).

O dólmen destaca-se também pela existência de arte megalítica nos três esteios remanescentes da câmara, devendo destacar-se, pela complexidade e profusão, o esteio de cabeceira (FIG. 6; EST. III); dos esteios sobreviventes é aquele cuja superfície é mais lisa e regular, denotando algum trabalho prévio à gravação, devendo-se ter em conta, no entanto, que parte daquela regularidade poder ser de origem natural; o repertório figurativo pré-histórico do esteio é exclusivamente picotado; como no caso anterior, os serpentiformes verticais ocupam praticamente toda a superfície disponível do esteio; estes desenvolvem-se *grosso modo* de forma paralela entre si, encontrando-se ligadas as extremidades inferiores do sétimo e oitavo; o terceiro e o sexto, sensivelmente a meio do esteio, convergem para uma forma subtroncónica sob a qual se encontra uma figura antropomórfica cujo pé direito integra o quinto serpentiforme vertical; outra figura antropomórfica em forma de  $\phi$  (*fi*) desenvolve-se a partir do oitavo serpentiforme: para a esquerda deste observa-se nova figura antropomórfica de braços e pés arqueados e corpo alongado; para cima destas figuras os serpentiformes tornam-se mais irregulares, vindo a terminar em duas figuras que praticamente se adossam entre si: uma figura solar à esquerda e uma figura do tipo de *the thing* à direita; uma figura deste tipo, se bem que de menores dimensões, parece encontrar-se à esquerda da primeira figura antropomórfica referida. Entre outras particularidades do esteio refira-se a existência de um círculo gravado à direita do antropomorfo em  $\phi$  e a união mediante traços horizontais entre o sexto e o sétimo serpentiformes. Refira-se, por fim, a ocorrência de uma inscrição histórica, de carácter territorial – SIMfÃS.1693 – na zona superior do esteio; esta inscrição foi em parte regularizada por abrasão com instrumento metálico, facto particularmente evidente nas letras S e F.

O esteio que ladeia pelo lado norte a laje cabeceira (FIG. 7; EST. IV) apresenta forma e superfície bastante mais irregular, encontrando-

-se as gravuras aí presentes bastante mais erodidas; todo o repertório figurativo foi exclusivamente conseguido por picotagem; observa-se conjunto de cinco serpentiformes subverticais, encontrando-se unidos pelas extremidades inferiores o segundo e terceiro motivos deste tipo; abaixo dos dois últimos observa-se círculo gravado; na zona superior do esteio os serpentiformes parecem ser substituídos por figura soliforme de raios algo irregulares, uns em forma de S's e outros baculiformes.

O esteio do lado sul da câmara (FIG. 8; Est. V) apresenta forma mais alongada, sendo a sua superfície algo boleada e de textura irregular; contrariamente aos dois esteios anteriormente descritos, o que agora nos ocupa encontra-se exclusivamente pintado a vermelho; os serpentiformes verticais correspondem às únicas figuras reconhecíveis deste esteio, sendo mais compridos (ou encontrando-se mais bem conservados?) que os do lado esquerdo da laje; entre os dois primeiros observa-se uma forma algo irregular que parece evocar o antropomorfo do esteio de cabeceira que se encontra à esquerda do  $\phi$ .

## 6. Discussão

A construção dos monumentos de que temos vindo a tratar datará seguramente dos inícios do IV milénio a. C., tal como a de todos os monumentos megalíticos do Noroeste da Península Ibérica e da Beira Alta (CRUZ, 1995; 1998; 2001); por monumentos megalíticos entendam-se os grandes dólmenes com câmaras ortostáticas de grandes dimensões podendo dispor ou não de corredor (são sobretudo construções que se desenvolvem em altura, ou seja, os esteios que os constituem são significativamente mais altos que largos). Nesse sentido, cada uma das necrópoles que aqui tratamos apresenta três monumentos deste período; na de Chão de Brinco identificámos ainda um monumento mais tardio, localizado muito à margem da depressão e em contacto quase directo com a linha de água, e na do Lameiro dos Pastores, um outro; tal atribuição cronológica está baseada nos paralelos entre estas estruturas (tipologia construtiva, volumetria, dimensões, implantação topográfica, etc.) e outras que na Beira Alta se encontram bem datadas (CRUZ, 1998; 2001). Já o menir de Lameiro dos Pastores será mais dificilmente datável, embora seja provável uma cronologia neolítica para o mesmo (GOMES, 1994). Por arte megalítica entendemos a arte contida nestes grandes dólmenes neolíticos, deixando de fora da nossa análise outras

manifestações artísticas que possam ocorrer no âmbito do fenómeno tumular e megalítico não funerário (BUENO, BALBÍN & BARROSO, 2007).

Os esteios em análise integram-se perfeitamente no mundo da arte megalítica do Noroeste peninsular, caracterizada, entre outros aspectos, pela “organização decorativa geometrizar da maioria dos dólmenes” (SANCHES, 2008-2009, 27). Entre os elementos mais característicos desta “organização decorativa” contam-se os serpentiformes verticais. De facto, se bem que presentes nalguns monumentos do Sul peninsular – como os dois monumentos de Soto (BALBÍN & BUENO, 1996), Maimón 2 (BUENO *et alii*, 1999a) ou Azútan (BUENO, BALBÍN & BARROSO, 2005) – é no Noroeste que este motivo é mais expressivo. Lembramos, já no distrito de Aveiro, os monumentos Chão Redondo 2 (SANTOS *et alii*, 2010-2011), Aliviada 1 (SILVA, 1984) ou Juncal (CARRERA, 2006) ou no de Viseu, os dólmenes de Antelas (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957) ou Pedralta (TWHOIG, 1981); ainda em Portugal, citemos os monumentos do Padrão (CRUZ & GONÇALVES, 1994), 5 de Chã de Arcas, Baião (MOREIRA & CARNEIRO, 1995; JORGE, 1997; CARRERA, 2006), Eireira (SILVA, 1997), Barrosa (TWHOIG, 1981), Alto das Madorras 7 (NUNES, 2003, fig. 46) ou Portela do Pau (BAPTISTA, 1997); nas Astúrias contamos com os monumentos de Santa Cruz (BLAS, 1979) e de Castellín (BLAS, 1997); na Galiza referenciamos a mamoa 2 da Braña (CARBALLO ARCEO & VAZQUEZ VARELA, 1984, 253), a mámoa da Cruz (TWHOIG, 1981), o monumento 2 de Namelas (FÁBREGAS & PENEDO, 2001), os monumentos 1 e 2 da Roza das Modías, Monte dos Marxos 1, Coto dos Mouros, Agro da Peña, Monte Camballón 1 (CARRERA, 2006) ou Os Muiños (CARRERA, 2008).

Outro motivo aqui presente (neste caso, apenas no Chão do Brinco) que reforça a ligação destes monumentos ao Noroeste corresponde àquele definido por E. Shee Twoig como *the thing* (1981, 29); embora a presença deste motivo pareça estar atestada no monumento 1 de Alberite (BUENO *et alii*, 1999b) é mais uma vez no Noroeste que ele é mais característico: Chã de Parada 1 (TWHOIG, 1981), Chã de Arcas 5 (Baião), Espiñaredo 10 (MURGUIA, 1901), Espiñaredo 11 (TWHOIG, 1981), Casa dos Mouros (CARRERA, 2006) ou Dombate (CARRERA, 2011).

Já o motivo subquadrangular com apêndices presente no monumento 1 do Lameiro dos Pastores parece corresponder à variante pintada de um motivo que foi já identificado sob várias formas técnicas noutros monumentos do Noroeste: Rapido 3 (SILVA, 1997), Mota Gran-

de (BAPTISTA, 1997) ou Coto dos Mouros (CARRERA, 2005). Poderá, ao motivo de tipo *the thing* e a este último que agora tratamos, corresponder o mesmo valor semântico, tal como foi já proposto (JORGE, 1997, 60)? Pensamos que a ocorrência dos dois motivos a tão curta distância um do outro será uma garantia de que o valor de cada um dos motivos seria diferente.

Já a distribuição das representações solares e antropomorfas não denota nenhum tipo de localismo, sendo antes motivos que parecem atestar um fundo ideológico comum à arte megalítica ibérica (BUENO & BALBÍN, 2003, 309).

Do ponto de vista técnico, estes monumentos – em particular o de Chão de Brinco 1 – vêm reforçar a ideia de que não podemos distinguir particularismos regionais com base na técnica utilizada para historiar os esteios (BUENO & BALBÍN, 1992; BELLO, 1994): mais uma vez, observamos o uso sincrónico da pintura e da gravura no monumento 1 de Chão do Brinco. A menos de 1 km, no monumento 1 do Lameiro dos Pastores, apenas identificámos pinturas, mas o que teríamos observado no primeiro se apenas restasse o esteio decorado do lado sul da câmara? O estado de conservação em que se encontram estes “edifícios” pré-históricos é de facto de muito considerar neste tipo de avaliações e extrapolações!

Do ponto de vista da organização das necrópoles e da paisagem estamos também perante uma interessante situação. Como foi já referido, pensamos que nem todos os monumentos seriam decorados (SANTOS *et alii*, 2010-2011, 22). Pensamos que cada monumento ocupa um lugar definido na necrópole e na paisagem; desde logo, referimos atrás as diferenças entre os diversos *tumuli* da necrópole ao nível da monumentalidade e das relações de intervisibilidade que estabelecem entre si e com a paisagem envolvente. Pensamos ser razoável assumir que apenas os fenómenos de conservação não explicarão a existência exclusiva de arte nestes monumentos em detrimento dos outros que compõem as duas necrópoles, até porque esta situação se repete noutros sítios, desde logo na necrópole de Chão Redondo (SANTOS *et alii*, 2010-2011); parece-nos evidente que, de facto, a arte megalítica não se distribuiria por igual em todos os monumentos que constituem as necrópoles megalíticas. Poderão estas diferenças ter que ver com a existência de uma hierarquização social, tal como defendido por alguns autores (v.g. BUENO & BALBÍN, 2006)? Ou trata-se apenas de uma forma de condicionar a leitura dos diferentes locais que constituem uma paisagem dada?



Estamos ainda longe de perceber com a profundidade desejável as relações que se podem estabelecer entre os monumentos de uma necrópole (aqui incluindo-se o menir do Lameiro dos Pastores) e entre estes e a paisagem envolvente; seriam desejáveis escavações não só nos monumentos como nos espaços entre estes; estamos convencidos de que esses trabalhos trariam importantes contributos para uma melhor compreensão dos grafismos contidos nos dólmenes. De facto, ao longo dos últimos cem anos partimos da análise dos esteios para a análise do monumento como um todo; está na hora de compreendermos estes grafismos não apenas no seu “contentor” arquitectónico mas no lugar a que efectivamente pertencem: o lugar na necrópole, na paisagem, no Mundo de quem os viveu...

## BIBLIOGRAFIA

- BALBÍN BEHRMANN, R.; BUENO RAMÍREZ, P. (1996), “Soto, un ejemplo de arte megalítico al Suroeste de la Península”, in MOURE ROMANILLO, A. (ed.), *“El Hombre fósil” 80 anos después: volumen conmemorativo del 50 aniversario de la muerte de Hugo Obermaier*, Santander, Servicio de Publicaciones, Universidad de Cantabria, pp. 467-505.
- BAPTISTA, A. M. (1997), “Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro (Melgaço, Portugal e Ourense, Galiza)”, in *III Coloquio Internacional de Arte Megalítico, A Coruña, 8-13 de Septiembre de 1997*, A Coruña, Museo Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón [*Brigantium*, 10], pp. 191-216.
- BELLO DIÉGUEZ, J. M. (1994), “Grabados, pinturas e idolos en Dombate (Cabana, La Coruña). ¿Grupo de Viseu o grupo noroccidental? Aspectos taxonómicos y cronológicos”, in *Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal”, Mangualde, Novembro de 1992*, Viseu, CEPBA [*Estudos Pré-históricos*, 2], pp. 287-304.
- BLAS CORTINA, M. A. de (1979), “La decoración parietal del dolmen de la Sta. Cruz (Cangas de Onís)”, *Boletín del Real Instituto de Estudios Asturianos*, 33(98), pp. 717-757.
- BLAS CORTINA, M. A. de (1997), “El arte megalítico en el territorio cantábrico: un fenómeno entre la nitidez y la ambigüedad”, in *III Coloquio Internacional de Arte Megalítico, A Coruña, 8-13 de Septiembre de 1997*, A Coruña, Museo Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón [*Brigantium*, 10], pp. 69-89.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. (1992), “L’art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d’ensemble”, *L’Anthropologie*, 96(2-3), pp. 499-572.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. (2003), “Una geografía cultural del arte megalítico ibérico: las supuestas áreas marginales”, in BALBÍN BEHRMANN, R. &



- BUENO RAMÍREZ, P. (eds.), *Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella. El Arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*, Ribadesella, Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 291-313.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. (2006), "Between power and mythology. Evidence of social inequality and hierarchisation in Iberian megalithic art", in DÍAZ-DEL-RIO, P. & GARCÍA SANJUAN, L. (eds.), *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*, Oxford: Archaeopress [BAR International Series, 1525], pp. 37-52.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R. (2005), *El dolmen de Azután (Toledo): áreas de habitación y áreas funerarias en la cuenca interior del Tajo*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, Servicio de Publicaciones [Monografías, 2].
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. & BARROSO BERMEJO, R. (2007), "Chronologie de l'art Mégalithique ibérique: C<sup>14</sup> et contextes archéologiques", *L'Anthropologie*, 111(4), pp. 590-654.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R.; ALDECOA QUINTANA, A.; CASADO MATEOS, A. B. (1999a), "Arte megalítico en Extremadura: los dólmenes de Alcántara, Cáceres, España", *Estudios Pré-históricos*, 7, pp. 85-110.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R.; ALDECOA QUINTANA, A.; CASADO MATEOS, A. B.; GILES PACHECO, F.; GUTIÉRREZ LÓPEZ, J. M.; CARRERA RAMÍREZ, F. (1999b), "Estudios de arte megalítico en la necrópolis de Alberite", in GUERRERRO MISA, L. J. (ed.), *Arqueología e Historia local. Estado actual en la Sierra de Cádiz. Actas del IV Seminario de Historia de Ubrique*, Ubrique (Cádiz), Asociación Papeles de Historia [Papeles de Historia, 4], pp. 35-60.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; LAPORTE, L.; GOUZIN, P.; BARROSO BERMEJO, R.; HERNANZ GISMERO, A.; GAVIRA-VALLEJO, J. M. & IRIARTE CELA, M. (2012), "Paintings in Atlantic Megalithic Art: Barnenez", *Trabajos de Prehistoria*, 69(1), pp. 123-132.
- CARBALLO ARCEO, L. X.; VAZQUEZ VARELA, J. M. (1984), "Nuevos hallazgos de arte megalítico en la provincia de Pontevedra: a mamoa de Braña", *Gallaecia*, 7-8, Santiago de Compostela, pp. 245-259.
- CARRERA RAMÍREZ, F. (2005), *El arte parietal en monumentos megalíticos del Noroeste peninsular: dimensión del fenómeno y propuestas de conservación*, [s.l.], Universidad Nacional de Educación a Distancia (Tese de Doutoramento, policopiada).
- CARRERA RAMÍREZ, F. (2006), "Arte parietal en monumentos megalíticos del área noroccidental peninsular", in CARRERA RAMÍREZ, F. & FÁBREGAS VALCARCE, R. (eds.), *Arte parietal megalítico en el Noroeste peninsular: Conocimiento y conservación*, Santiago de Compostela, Tórculo Edicións, pp. 61-151.
- CARRERA RAMÍREZ, F. (2008), "El dolmen de Os Muiños (Agolada, Pontevedra). Intervención para la documentación y protección de la pintura megalítica conservada", *Gallaecia*, 27, pp. 113-135.
- CARRERA RAMÍREZ, F. (2011), "El arte prehistórico y su conservación. Pinturas y grabados en Dombate", in CÉBRIAN DEL MORAL, F. & YAÑEZ RODRÍGUEZ, J. M. (eds.),

- El dolmen de Dombate. Arqueología, arquitectura y conservación*, A Coruña, Diputación de A Coruña, pp. 229-266.
- CASTRO, L. de A.; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A. (1957), “O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades)”, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 38, pp. 325-346.
- CRUZ, D. J. (1995), “Cronologia de monumentos com *tumulus* do Noroeste Peninsular e da Beira Alta”, *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, CEPBA, pp. 81-112.
- CRUZ, D. J. (1998), “Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta (V–II milénios a. C.)”, *Actas do Colóquio “A Pré-história na Beira Interior”* (Tondela, Nov. 1997), Viseu, CEPBA (Estudos Pré-históricos, 6), pp. 149-166.
- CRUZ, D. J. (2001), *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história recente*, 2 volumes, Coimbra, FLUC (dissertação de doutoramento, policopiada).
- CRUZ, D. J.; GONÇALVES, A. A. B. (1994), “Novas pinturas no dólmen do Padrão (Baltar, Paredes, Porto)”, in *Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal”*, Mangualde, Novembro de 1992, Viseu, CEPBA [Estudos Pré-históricos, 2], pp. 383-393.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & PENEDO ROMERO, R. (2001), “Antropomorfo grabado en un túmulo megalítico de Agolada (Pontevedra)”, *Gallaecia*, 20, pp. 97-105.
- FERREIRA, A. de B. (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos [Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4].
- FERREIRA, A. B. (2004), “O Norte da Beira”, in FEIO, M. & DAVEAU, S. (coord.), *O relevo de Portugal. Grandes unidades regionais*, Coimbra, Associação Portuguesa de Geomorfólogos [Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos, vol. II], pp. 97-110.
- GIRÃO, A. A. (1940), *Serra do Montemuro. A Serra Mais Desconhecida de Portugal*, Coimbra, Coimbra Editora.
- GOMES, M. V. (1994), “Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português. Trabalhos recentes e estado da questão”, in *Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal”*, Mangualde, Novembro de 1992, Viseu, CEPBA [Estudos Pré-históricos, 2], pp. 317-342.
- JORGE, V. O. (1997), “Questões de interpretação da arte megalítica”, in *III Coloquio Internacional de Arte Megalítico, A Coruña, 8-13 de Septiembre de 1997*, A Coruña, Museo Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón [Brigantium, 10], pp. 47-65.
- LE QUELLEC, J.-L.; HARMAN, J.; DEFRASNE, C. & DUQUESNOY, F. (2013), “DStretch® et l’amélioration des images numériques: applications à l’archéologie des images rupestres”, *Les Cahiers de l’AARS*, 16, pp. 177-198.
- MOREIRA, M.; CARNEIRO, L. (1995), “Mamoá V de Chã de Arcas – Baião. Primeira notícia”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(3), pp. 183-190.
- MURGUÍA, M. (1901), *Historia de Galicia*, 1, A Coruña, E. Carre.
- NUNES, S. A. (2003), *Monumentos sob tumulus e meio físico no território entre o Corgo*

*e o Tua (Trás-os-Montes): aproximação à questão*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dissertação de mestrado, policopiada).

- PINHO, L. M. S. (1998), *Património Arqueológico do Vale do Bestança*, Associação para a Defesa do Vale do Bestança.
- PINHO, L. M. S.; LIMA, A. M. C.; CORREIA, A. L. (1999), *Roteiro Arqueológico de Cinfães*, Câmara Municipal de Cinfães.
- SANCHES, M. J. (2008-2009), “Arte dos dólmenes do noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica”, *Portugalia*, nova série, vol. XXIX-XXX, Porto, pp. 5-42.
- SANTOS, F. J. C.; PERPÉTUO J. M. A.; SANTOS, A. T.; GOMES, L. F. C. (2010-2011), “O dólmen 2 de Chão Redondo (Sever do Vouga, Aveiro): um monumento com iconografias. Resultados dos trabalhos de escavação e restauro”, *Portugalia*, nova série, vol. XXXI-XXXII, pp. 5-41.
- SILVA, E. J. L. (1993), “Représentations humaines sur deux monuments mégalithiques de la région Nord du Portugal”, *115ème Congrès des Sociétés Savantes (Avignon-1990)*, Paris, CTHS, pp. 21-27.
- SILVA, E. J. L. (1994), “Megalitismo do Norte de Portugal: o litoral minhoto”, in *Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal”*, Mangualde, Novembro de 1992, Viseu, CEPBA [Estudos Pré-históricos, 2], pp. 157-169.
- SILVA, E. J. L. (1995), “Megalitismo da Bacia do Douro (margem sul)”, *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. V, Porto, pp. 35-46 [Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. XXXV (fasc. 1)].
- SILVA, E. J. L. (1997), “Arte megalítica da costa norte de Portugal”, in *III Coloquio Internacional de Arte Megalítico, A Coruña, 8-13 de Septiembre de 1997*, A Coruña, Museo Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón [Brigantium, 10], pp. 179-189.
- SILVA, E. J. L. (2003), “Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal”. In: *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 269-279 [Trabalhos de Arqueologia, vol. 25].
- SILVA, E. J. L.; CUNHA, A. M. L. (1994), “Inventário arqueológico do concelho de Cinfães: primeiros resultados”, *Gaya*, 6, Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, pp. 332-333.
- SILVA, F. A. P. (1984), “A arte parietal do Dólmen da Aliviada – Escariz”, *Aveiro e o seu distrito*, 33, pp. 37-45.
- SILVA, F. A. P. (2004), “Megalitismo e tradição megalítica no concelho de Arouca: três mil anos de arquitectura funerária”, in SILVA, A. M. S. P. (coord.), *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*, Câmara Municipal de Arouca, pp. 44-203.
- TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A. C.; FERNANDES, A. P. (1969), *Carta Geológica de Portugal, na Escala de 1/50.000. Notícia Explicativa da Folha 14-A (Lamego)*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- TWOHIG, E. S. (1981), *The megalithic art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press.

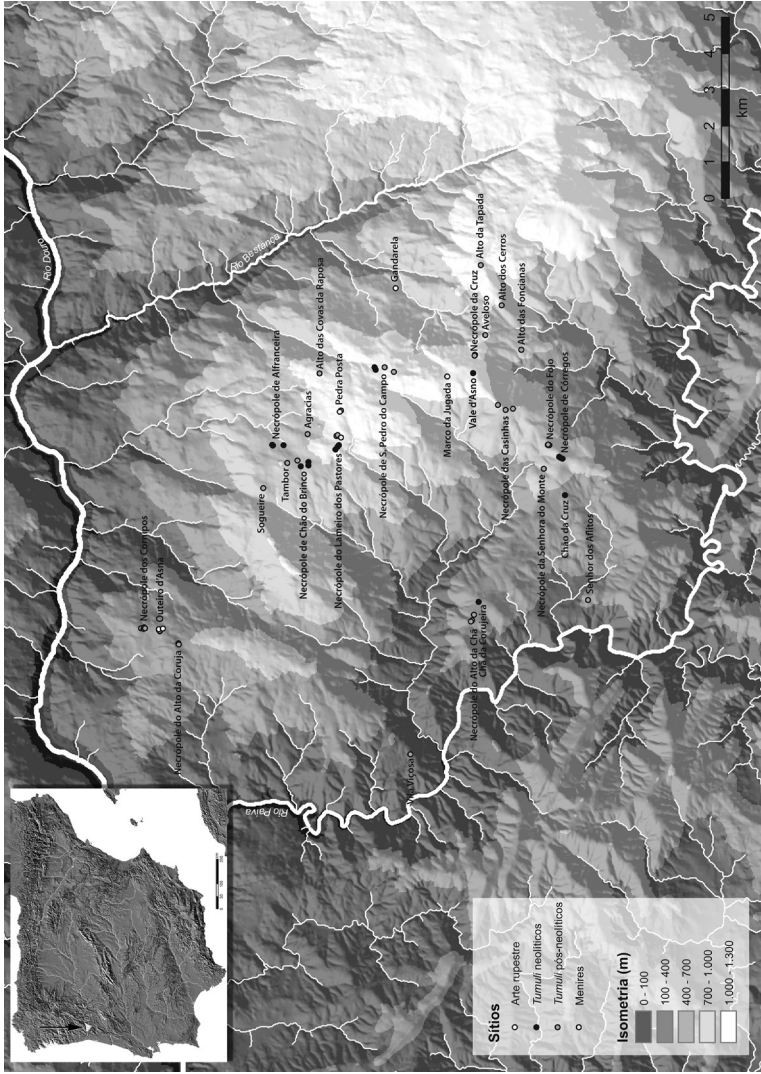


FIG. 1 – O sector noroccidental do Montemuro; em cima observa-se a localização da serra na Península Ibérica (agradecemos a Luis Luis a sua colaboração na criação desta e da Fig. 2).



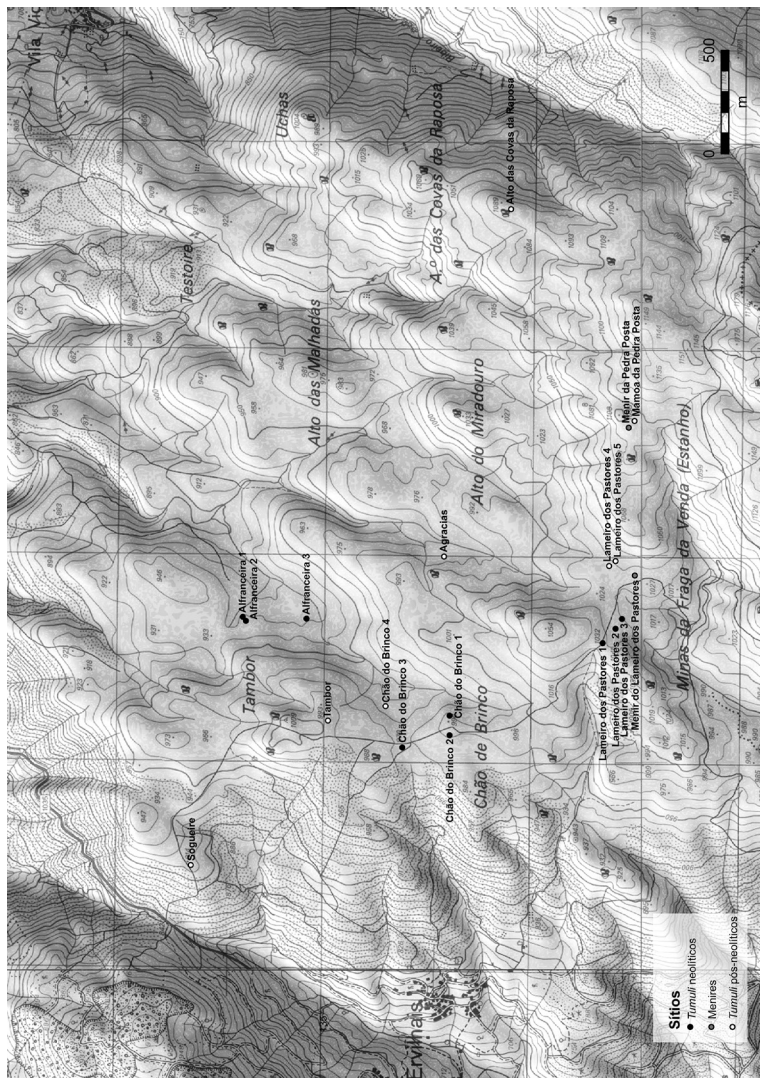


Fig. 2 – Localização dos monumentos tumulares e menires em torno do Chão do Brinco e do Lameiro dos Pastores; shaded relief sobre as folhas 135, 136, 145 e 146 da “Carta Militar de Portugal, escala 1/25.000”.

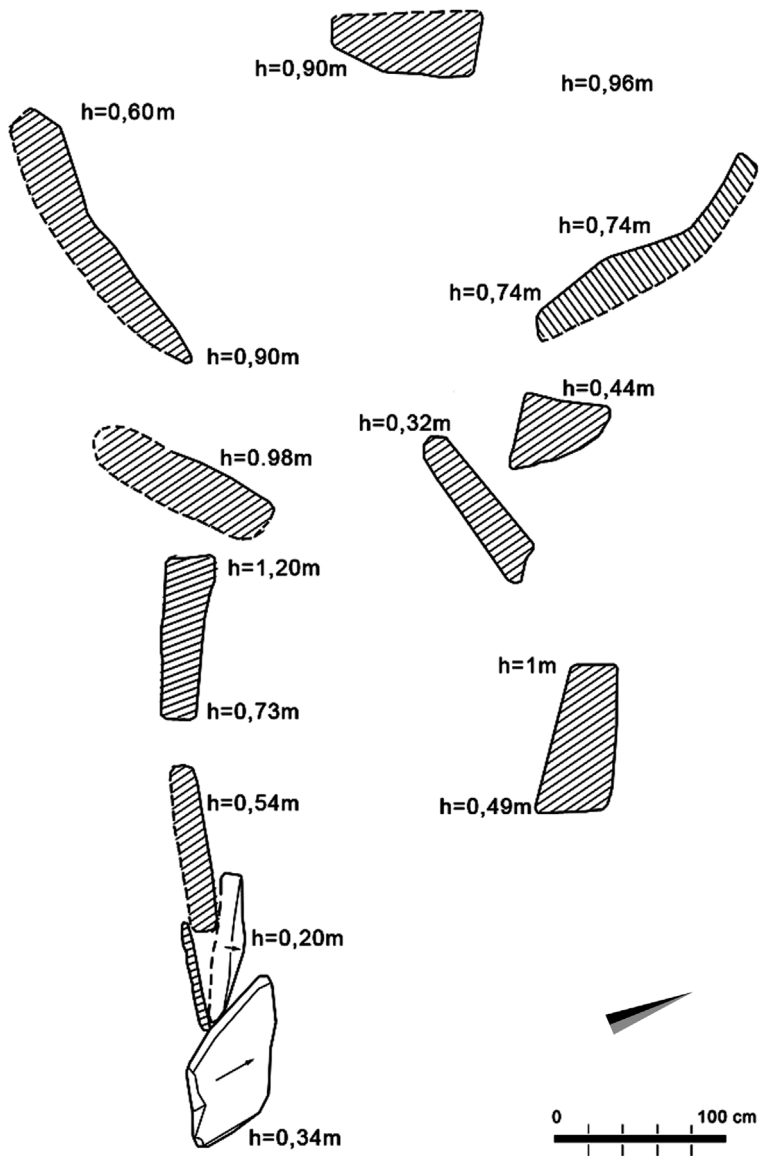


FIG. 3 – Planta da estrutura ortostática do monumento 1 do Lameiro dos Pastores.

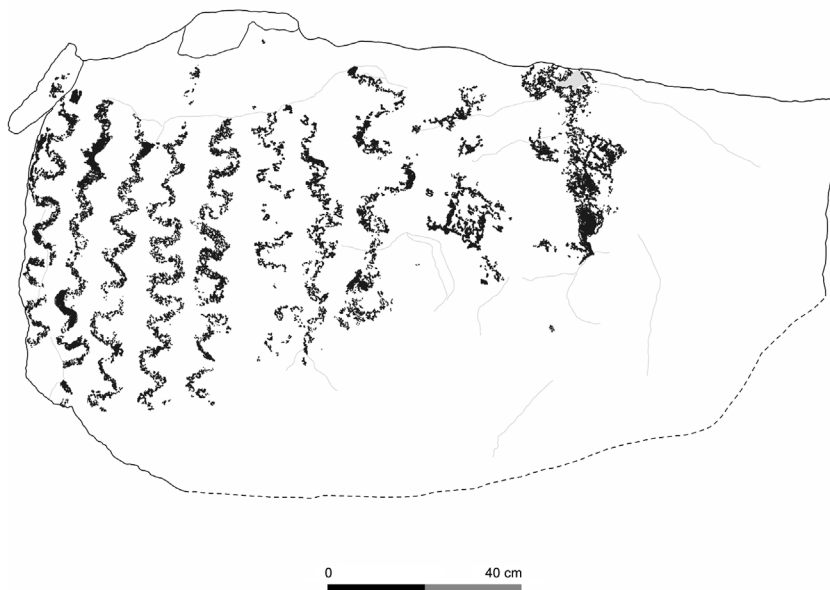


FIG. 4 – Decalque do esteio pintado do monumento 1 do Lameiro dos Pastores.

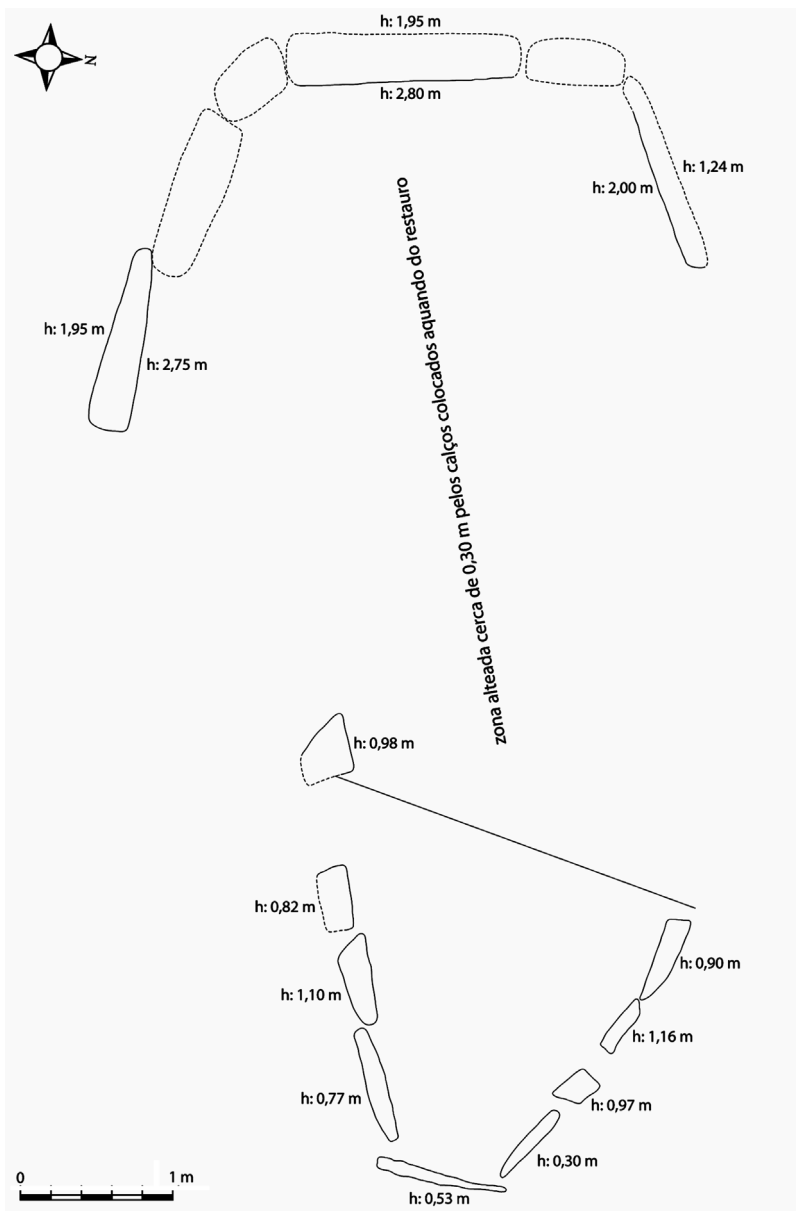


FIG. 5 – Planta do dólmen 1 de Chão do Brinco.



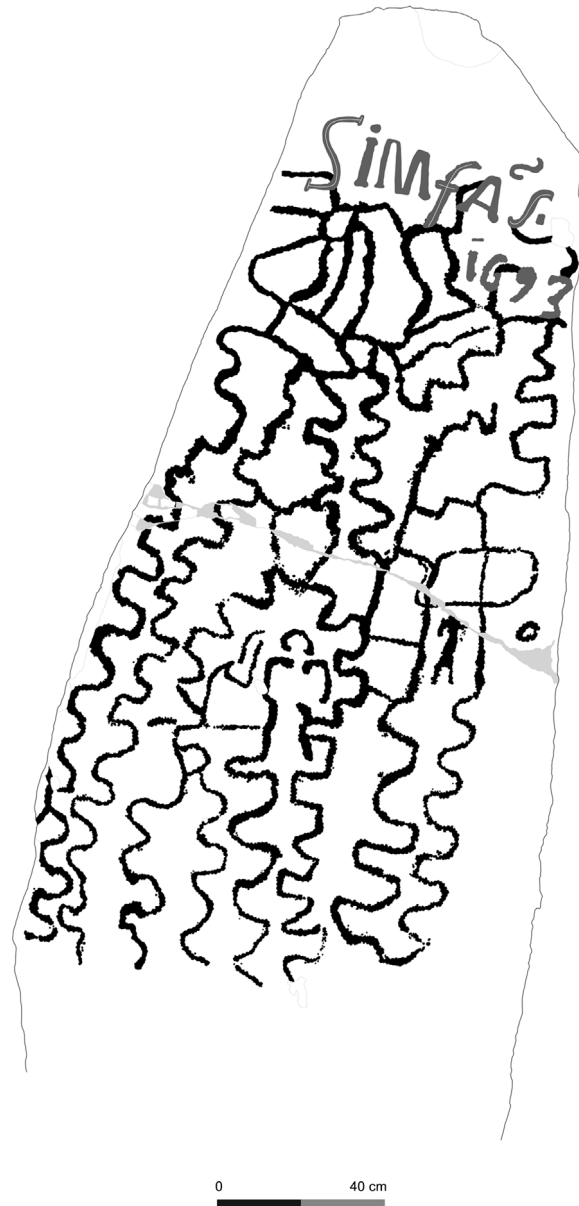
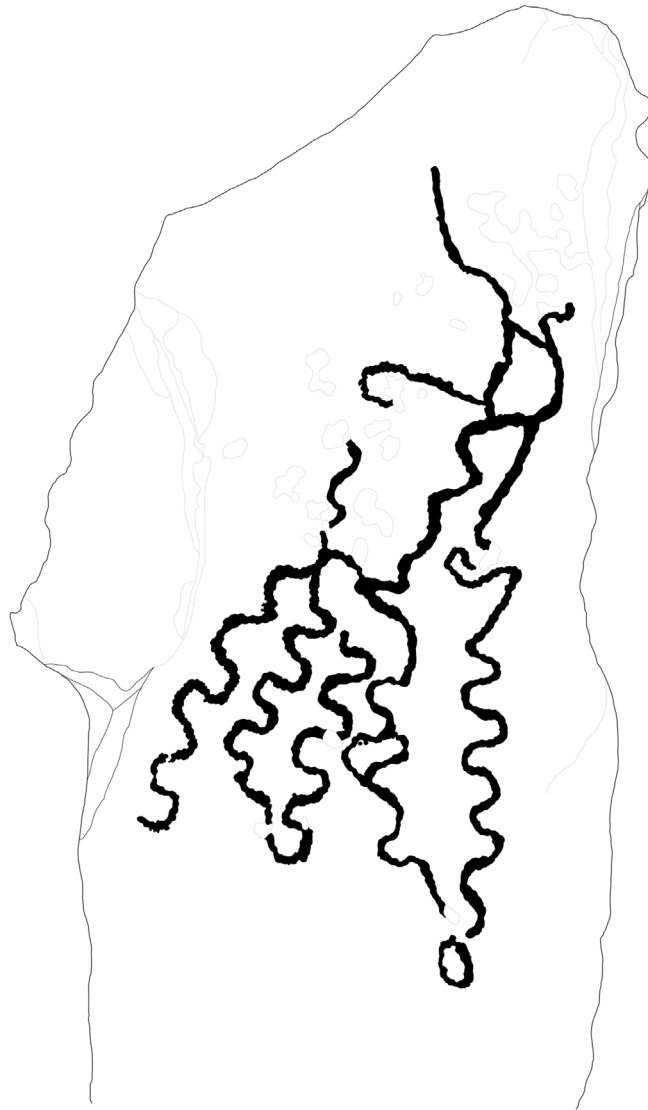


FIG. 6 – Decalque do esteio de cabeceira do dólmen 1 de Chão do Brinco; a cor cinzenta, a meio da laje, representa o cimento utilizado para unir as duas partes do monólito (restauro de E. J. Lopes da Silva).



0 40 cm

FIG. 7 – Decalque do esteio gravado do lado norte do monumento 1 de Chão do Brinco.



FIG. 8 – *Decalque do esteio pintado do lado sul do monumento 1 de Chão do Brinco.*



EST. I

*Vista desde o corredor do monumento I de Chão do Brinco para nordeste.*



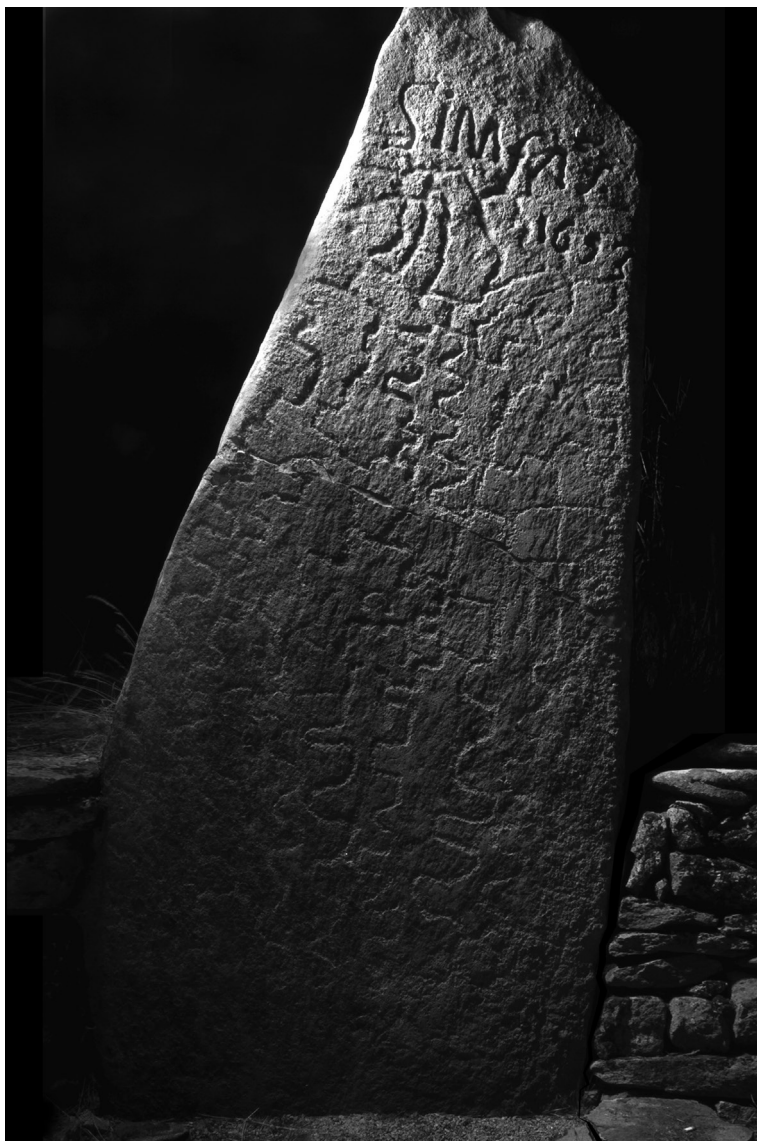
Est. II

*1 – O monumento 1 do Lameiro dos Pastores visto de sudoeste.*



Est. II

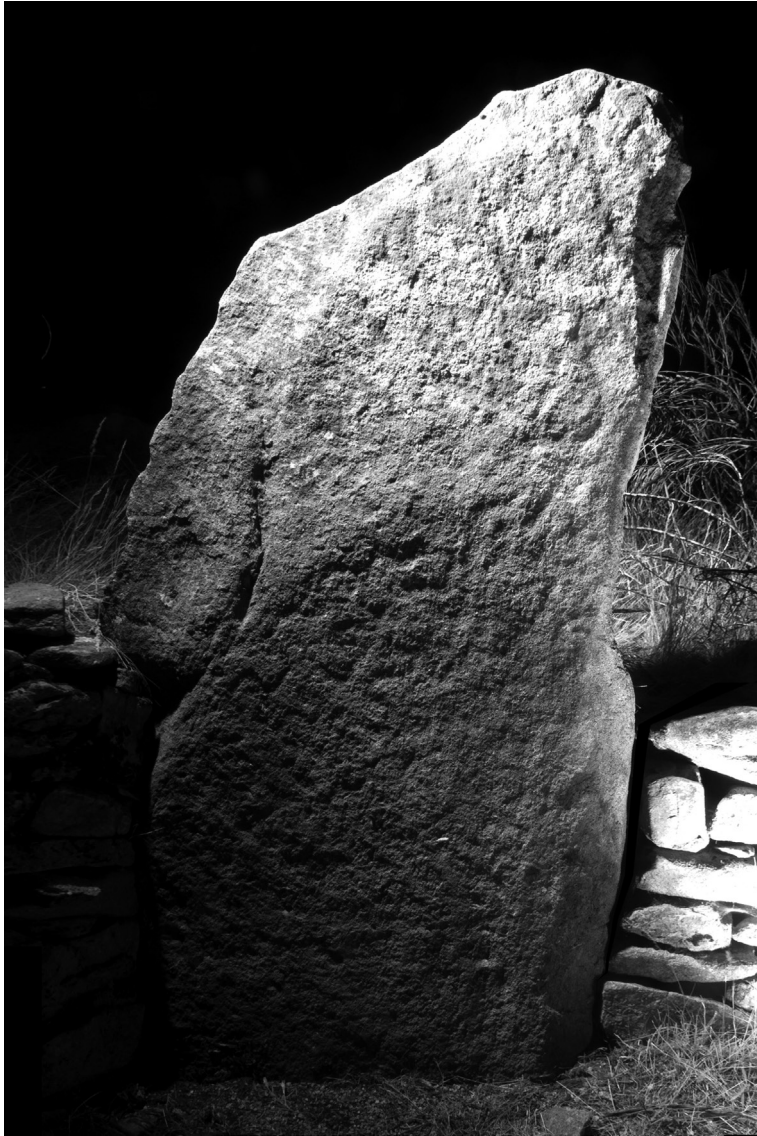
*2 – O esteio pintado do monumento 1 do Lameiro dos Pastores, depois de tratado com o plug-in “d-stretch” (escrito para o programa ImageJ por Jon Harman e disponível no endereço electrónico: <http://www.dstretch.com>).*



EST. III

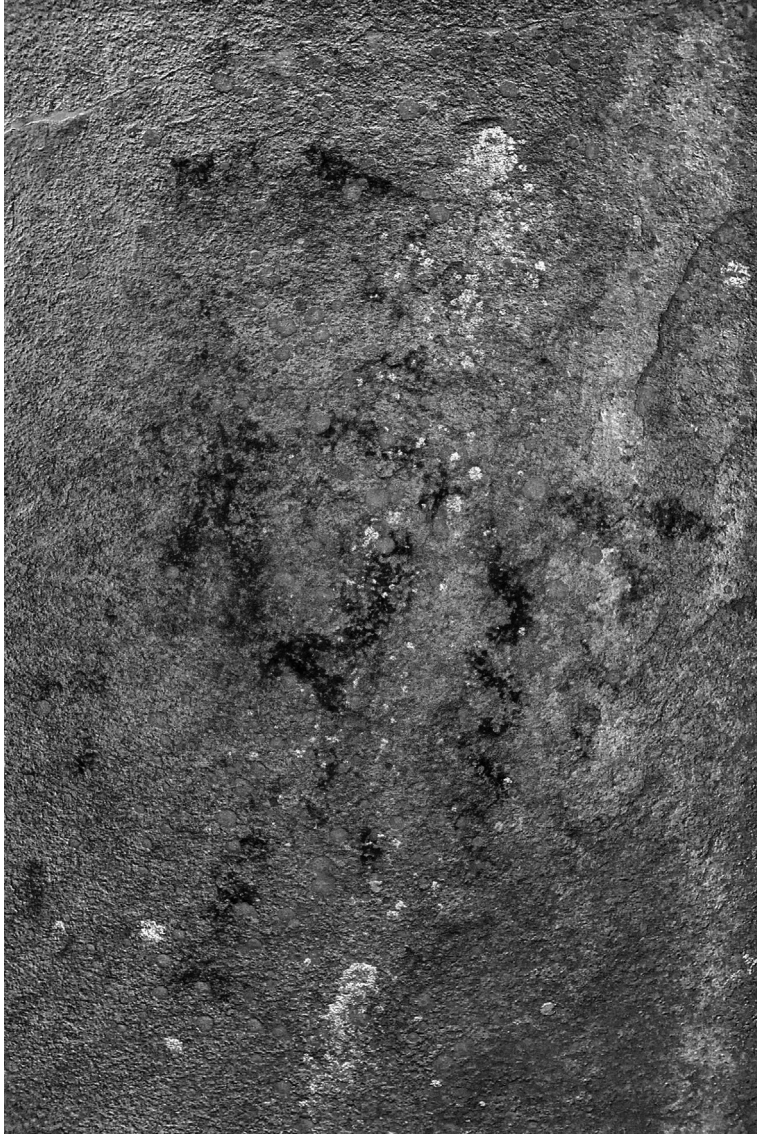
*O esteio de cabeceira do dólmen 1 de Chão do Brinco.*





EST. IV

*O esteio gravado do lado norte do monumento 1 de Chão do Brinco.*



Est. V

*O esteio pintado do lado sul do monumento 1 de Chão do Brinco, depois de tratado com o plug-in “d-stretch” (escrito para o programa ImageJ por Jon Harman e disponível no endereço electrónico: <http://www.dstretch.com>).*



APOIO

